

Brasília, onde os ratos tomaram o lugar dos candangos

Categories : [Reuber Brandão](#)

Candango é uma palavra de origem angolana, da língua Quimbundo (família lingüística Bantu) que significa "gente ruim" ou "pessoa desprezível". Usada originalmente para designar traficantes de escravos portugueses, passou a ser sinônimo de trabalhadores braçais sem qualificação. Era exatamente esse o perfil de milhares de brasileiros de todo o país, que migraram nos fins dos anos 50 e início dos anos 60 para Brasília, Distrito Federal. Por isso, ganharam também o apelido de candangos, guerreiros que a custa de muito esforço, dedicação e trabalho duro ajudaram a construir a nova capital federal do Brasil. Desde então, ser candango passou a ser motivo de orgulho, sinônimo de trabalhador esforçado e diligente. Inspirou até um modelo de jeep da DKW-VEMAG de motor dois tempos e tração integral. Simples, forte e guerreiro.

O lugar escolhido para a nova capital é realmente especial. O planalto elevado ([pediplano](#)) de Brasília, composto por subunidades regionais (Brasília, Contagem/Roncador), apresenta uma profunda camada de solo argiloso. Esse antigo planalto (formado no Terciário) é bem diferente de outros planaltos de altitudes e idades semelhantes, como a Chapada dos Veadeiros ou a Serra dos Pirineus, onde o raso solo arenoso e os afloramentos de quartzito são os principais elementos da geomorfologia.

O Planalto de Brasília é um gigantesco anfiteatro elevado, em forma de meia-lua, com altitudes de até 1.340 metros, no qual convergem os riachos que formavam o rio Paranoá, hoje represado. A [Missão Cruls](#), responsável por escolher a região que iria receber a nova capital em 1892, já havia imaginado a formação de um grande lago, em cujas margens seria erguida uma grande cidade, justamente em um quadrilátero do qual partiam as nascentes que alimentam as bacias Platina, do Tocantins e do São Francisco. Mas foi apenas no governo JK que o país resolveu colonizar a vastidão do Cerrado, naquele local de horizontes infinitos e de um céu gigantesco.

A transformação da vastidão do Cerrado em uma das maiores cidades do país ainda é considerada a maior epopéia brasileira. O rio Paranoá foi represado justamente sobre a sua antiga cachoeira, formando o lago homônimo com mais de quatro mil hectares, onde as embarcações dos novos ricos de Brasília se acotovelam nos fins de semana. Dezenas de novos aglomerados urbanos foram planejados e construídos. Milhares de quilômetros de estradas foram abertas no meio do latosolo vermelho e a terra foi revirada em quantidade na construção da cidade.

O único roedor que Brasília vitimou

"Apesar de esforços continuados para o registro de novos exemplares da espécie, nenhum indivíduo foi encontrado desde sua descoberta. Desta forma, esse interessante roedor se tornou o primeiro vertebrado do Cerrado formalmente considerado extinto."

Durante uma dessas movimentações de terra, um trator expôs a galeria subterrânea de um pequeno roedor ainda desconhecido. A descoberta acabou servindo de homenagem aos homens que tornaram a cidade realidade: o então Presidente Juscelino Kubitschek e os trabalhadores braçais envolvidos na tarefa de transformar cimento em cidade, recebendo o nome de [*Juscelinomys candango*](#), popularmente conhecido como [*rato-candango*](#).

Ainda hoje são descobertas espécies novas de vertebrados na paisagem especial do Distrito Federal. No entanto, apesar de intensos trabalhos de campo, o único registro do rato-candango (*Juscelinomys candango*) continua sendo a área onde hoje está o Zoológico de Brasília. A espécie é conhecida apenas do pequeno grupo de indivíduos originalmente encontrados nos anos 60 e atualmente depositados no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Apesar de esforços continuados para o registro de novos exemplares da espécie, nenhum indivíduo foi encontrado desde sua descoberta. Desta forma, esse interessante roedor se tornou o primeiro vertebrado do Cerrado formalmente considerado extinto. Esse foi o primeiro candango vítima do crescimento de Brasília. Mas não é o único.

Confusão fundiária

A despeito da aparente qualidade de vida de Brasília, um verdadeiro caos fundiário existe no Distrito Federal. Com a criação da nova unidade federativa, grande parte das terras pertencentes ao governo de Goiás foi repassada às companhias imobiliárias e de desenvolvimento do Distrito Federal. O documento, no entanto, não é claro em definir os limites de diversas propriedades. Muitos dos antigos proprietários não foram localizados, nem indenizados. E se formou um grande imbróglio fundiário no Distrito Federal.

A ausência do controle do poder público sobre a ocupação do Distrito Federal era patente nas décadas de 70 e 80. No entanto, a partir dos anos 90 em diante, especialmente com o crescimento das cidades e a especulação imobiliária, começaram a entrar em operação as derrubadas, associadas ao intenso parcelamento e venda de terras putativamente públicas. O valor da terra no Distrito Federal valorizou-se de forma absurda e sedimentou-se a cultura da especulação imobiliária candanga.

Terras públicas, lucro privado

Mas algo interessante ocorre no Distrito Federal. Devido a imprecisões de documentações antigas, a [Companhia Imobiliária do Distrito Federal, Terracap](#), não parece saber exatamente onde estão e quais são suas terras. No entanto, devido ao valor do solo no Distrito Federal, **a Terracap (hoje endividada devido às obras do novo estádio de futebol da cidade) propaga a informação de que a maior parte das terras do Distrito Federal é pública e pertencem a ela.** Por outro lado, a Terracap é bastante singular. **Uma parte do valor das vendas de terras públicas no Distrito Federal é repassada aos seus servidores como participação nos lucros. Ou seja, vendem terras públicas e transformam em ganho particular.** Com isso também se cria a cultura institucional da especulação imobiliária. Para muitos servidores do Governo do Distrito Federal, é melhor investir na valorização da terra (e vendê-la a preços inacessíveis) que tomar as rédeas do conflito fundiário do Distrito Federal e garantir moradia à população e um planejamento responsável no uso do solo. E no meio desta confusão, estão diversas áreas protegidas que lutam em desvantagem contra o parcelamento do solo e a insularização provocada pelo avanço de uma matriz agressiva.

Na mira, áreas protegidas

Os olhos de cobiça se erguem agora sobre o conjunto de áreas protegidas formadas pela Estação Ecológica do Jardim Botânico, da Reserva Ecológica do IBGE e da Área de Relevante Interesse Ecológico do Capetinga/Taquara, gerenciada pela Fazenda Água Limpa da Universidade de Brasília. **Uma nova cidade para 950mil pessoas está planejada para ser instalada em uma área de 17 mil hectares de Cerrado, vizinha a este conjunto de áreas protegidas.** Além do desmatamento para a instalação da cidade em si, querem rasgar estas áreas protegidas por uma rodovia. Como existem [Unidades de Conservação](#) distritais nesse conjunto de áreas, tenho certeza que a luta pela manutenção da integridade desse valioso bloco de Cerrado, terá resultados desastrosos, independentemente dos anseios da sociedade.

O único verde que conta em Brasília é o verde do dinheiro. Existe muito interesse em jogo. **Como resultado da insensibilidade do poder público na política habitacional, mais de 600 mil**

famílias no DF não possuem escritura da moradia, mas pagam todos os impostos e aguardam o momento da sonhada regularização, mesmo temendo o custo do solo a ser estipulado pela Terracap. Faz parte da estratégia de especulação governamental do DF a demonização de pessoas que habitam hoje terras putativamente públicas. Hoje percebo que muitas destas famílias foram empurradas para algumas dessas áreas pela impossibilidade de adquirirem moradia em uma cidade aonde o metro quadrado já chegou a ser vendido a mais de 12 mil reais em imóveis ainda na planta. Resultado do repasse do custo dos terrenos vendidos pela Terracap às construtoras para o consumidor final. E a violência contra essas famílias durante as operações de derrubada servem apenas atender a interesses de grandes especuladores.

Que chance teria o elusivo candango em uma realidade desta? Como as áreas protegidas do DF conseguirão sobreviver se o próprio governo as enxerga apenas como um metro quadrado valioso no mercado imobiliário? **O *Juscelinomys candango* foi o primeiro a desaparecer. Vão-se os pobres candangos, mas outros ratos prosperam...**

Leia também

[Simba Cerrado ou Samba Safári no Tocantins](#)

[Voando baixo e devagar](#)

[Antes de ser Agro, sou Bio!](#)